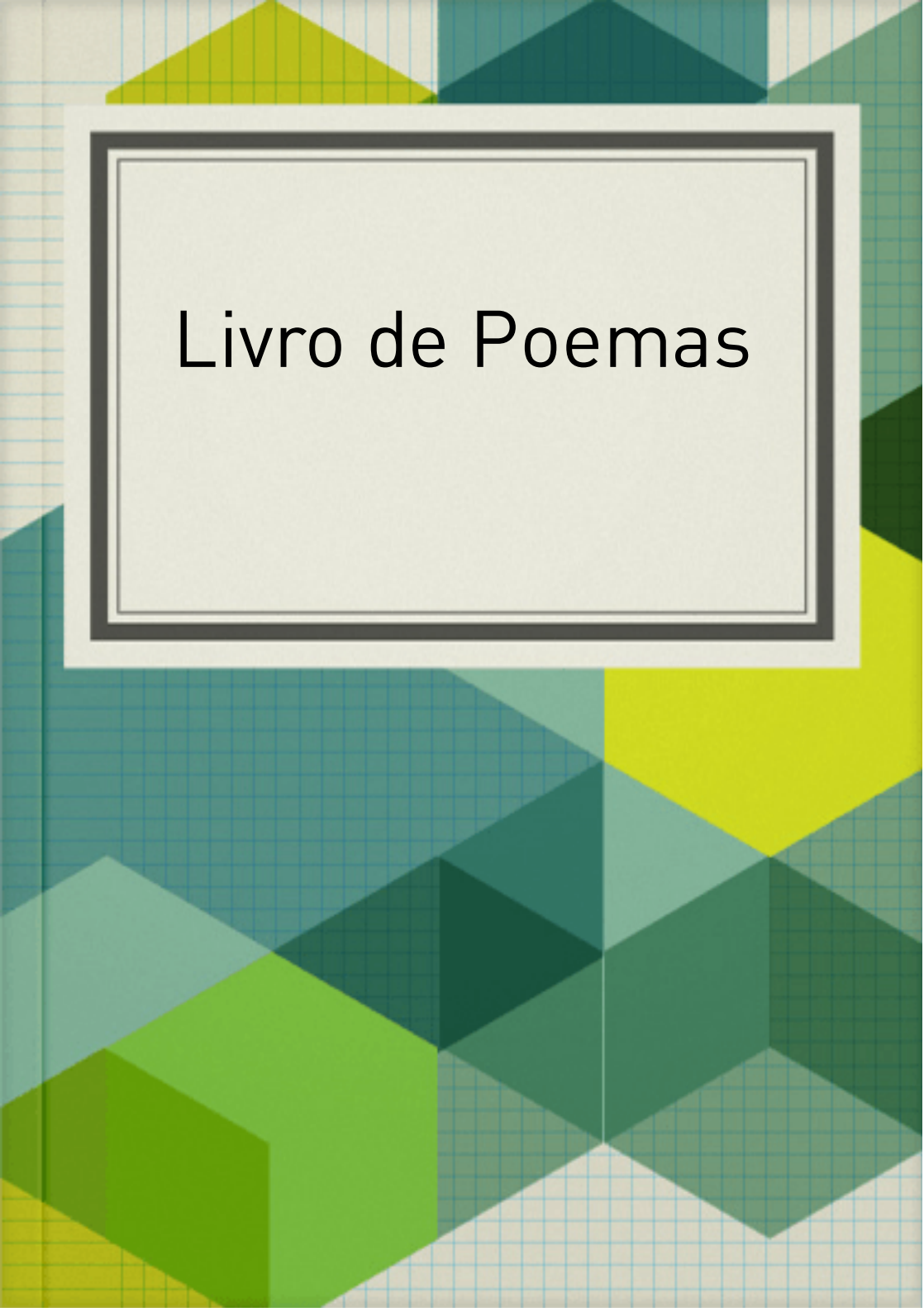


The book cover features a complex geometric design. The background is composed of various shades of green and yellow, with some areas having a fine grid pattern. Large, overlapping geometric shapes, including triangles and hexagons, are scattered across the cover. A central white rectangular box with a double border (a thin grey line and a thicker dark grey line) contains the title text.

Livro de Poemas

Quinhentismo

Poema Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,

Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso

E de graça mui colmado,

Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,

Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,

Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,

Pois sois Deus de eternidade,

Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem

E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Barroco
Gregório de Matos

Buscando a Cristo

"A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.
A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.
A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa p'ra chamar-me.
A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme."

Arcadismo
Manoel Maria du Bocage

Se é Doce

Se é doce no recente, ameno Estio

Ver toucar-se a manhã de etéreas flores,

E, lambendo as areias e os verdores,

Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio

Ouvirem-se os voláteis amadores,

Seus versos modulando e seus ardores

Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados

Pela quadra gentil, de Amor querida,

Que esperta os corações, floreia os prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,

Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.

Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Romantismo
Álvares de Azevedo

A Lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.
Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota, Travesseiro
não há como teu peito.
Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores
Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

Realismo

Machado de Assis

A uma senhora que me pediu versos

Pensa em ti mesma, acharás

Melhor poesia, Viveza, graça, alegria, Doçura e paz.

Se já dei flores um dia,

Quando rapaz, As que ora dou têm assaz Melancolia.

Uma só das horas tuas

Valem um mês

Das almas já ressequidas.

Os sóis e as luas

Creio bem que Deus os fez Para outras vidas.

Simbolismo

Alphonsus de Guimaraens

A Catedral

Entre brumas ao longe surge a aurora, O hialino
orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o arrebol. A
catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu
risonho Toda branca de sol. E o sino canta em
lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre
Alphonsus!" O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de
luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus
olhos tão cansados ponho, Recebe a benção de Jesus.
E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" Por entre lírios e
lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Poe-
se a luz a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu tristonho Toda branca de luar.
E o sino chora em lúgubres responsos: "Pobre
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" O céu é todo trevas: o
vento uiva. Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem
acoitar o rosto meu. A catedral ebúrnea do meu sonho

Afunda-se no caos do céu medonho Como um astro
Pré -mordenismo
que já morreu. E o sino chora em lúgubres resposos:
Carlos Drummond de Andrade
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Canto de regresso à pátria
Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

Modernismo
Manuel Bandeira

ARTE DE AMAR

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua
alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.